

Estudo retrospectivo: análise de óbitos e mortalidade das neoplasias malignas do colo do útero em Minas Gerais entre 2017 e 2022

Isabela Coutinho Faria¹, Kleuber Arias Meireles Martins², Raphaela Conrado³, Ana Clara Guimarães de Souza⁴, Laís Lobato de Araújo³

¹Centro Universitário de Belo Horizonte (*Medicina*) , ²Centro universitário de Belo Horizonte (*Medicina*) , ³Centro universitário de Belo Horizonte, ⁴Centro universitário de Belo Horizonte
(a)

e-mail: isabelafaria.5980@aluno.unibh.br

Introdução: O câncer do colo do útero, excluídos os tumores de pele não melanoma, é o terceiro tipo mais comum em mulheres no Brasil e, segundo a OMS, o segundo, em regiões menos desenvolvidas do mundo. Além disso, somente no período de 2017 a 2022 ocorreu um total de 15.921 óbitos por esta causa no Brasil. Conhecer a epidemiologia das regiões se faz necessário para estabelecer melhores medidas de promoção e prevenção de acordo com as demandas de cada localidade, enfatizando aquelas que têm menos acesso aos serviços de saúde.

Objetivo: Avaliação de óbitos e mortalidade das neoplasias malignas do colo do útero (NMCU) em Minas Gerais.

Metodologia: Trata-se de uma análise retrospectiva, quantitativa e descritiva, realizada com o uso de dados disponíveis no Sistema de Informações sobre Mortalidade - SIM/DATASUS.

Foram correlacionados óbitos e taxa de mortalidade de NMCU no estado de Minas Gerais, com as faixas etárias acima de 20 anos e raça, entre os anos de 2017 e 2022.

Resultados: Neste período de 5 anos houve um total de 1.180 óbitos por NMCU o equivalente a 7,4% do total de mortes por essa causa no Brasil, com uma taxa de mortalidade de 9,03%. O maior número de óbitos foi observado na faixa de 50 a 59 anos com 21,86%, seguido da faixa dos 60 a 69 anos e 40 a 49 anos respectivamente. Com relação a raça, mulheres autodeclaradas pardas apresentaram mais da metade dos óbitos com 53,72%. Além disso, de 2017 a 2021 foi observado uma redução de 26% de óbitos, voltando a aumentar 21% em 2022. Os anos de 2020 e 2021 foram os que apresentaram os menores valores em óbitos. A variação temporal nos óbitos por NMCU pode estar relacionada à pandemia de COVID-19. A pandemia provocou em geral interrupções nos serviços de saúde, incluindo o rastreamento e os tratamentos preventivos, que podem ter contribuído para a redução inicial de óbitos em 2020 e 2021. No entanto, o aumento em 2022 pode refletir um efeito retardado da pandemia, com diagnósticos mais avançados de NMCU devido a atrasos nos cuidados médicos. Vale acrescentar que as regiões com maior número de óbitos observadas, são as que têm mais acesso à saúde e, portanto, contribui como polo de referência para as cidades próximas e maior notificação.

Conclusões: Entre 2020 e 2021 por questões da pandemia, os óbitos por NMCU podem ter sido subnotificados, gerando essa queda e aumento súbitos antes e após esse período, somado a redução da procura por atendimento médico. Além disso, é destacado a

importância de direcionar estratégias de prevenção e rastreamento específicas, principalmente para as faixas etárias dos 40 aos 69, que não tiveram acesso à vacina do HPV e apresentaram maior número de óbitos. Espera-se que após o surgimento dessa vacina nos últimos anos, em conjunto com estratégias de políticas públicas de rastreio do NMCU, possam ser de grande eficácia para a diminuição de óbitos futuros.